



## Recepção clássica no Brasil: entre o local, o universal e o global

### *Classical Reception in Brazil: the local, the universal and the global*

Lucia Sano

Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) | São Paulo | SP | BR

FAPESP

lucia.sano@unifesp.br

<https://orcid.org/0000-0003-3928-4277>

**Resumo:** O artigo tem como objetivo apresentar alguns desenvolvimentos críticos em torno do conceito de *recepção clássica*, discutindo sua formulação por Charles Martindale no contexto intelectual do dos anos 1990, algumas de suas revisões ao longo da década seguinte e, por fim, um cenário mais atual, no âmbito do que agora se tem chamado de *global classics*. Considerando-se o maior interesse no debate internacional e a ampliação do tema em cursos de graduação no Brasil nos últimos anos, procura-se introduzir algumas especificidades a serem pensadas no caso da recepção clássica na literatura brasileira e argumenta-se pela via dupla da crítica internacional e da crítica nacional para pensar teoricamente a forma como nossos autores receberam os clássicos gregos e latinos.

**Palavras-chave:** recepção clássica; *global classics*; literatura clássica; literatura brasileira.

**Abstract:** The article aims to present some critical developments around the concept of classical reception, discussing its formulation by Charles Martindale in the intellectual context of the 1990s, some of its revisions throughout the following decade and finally a more current scenario within the scope of what is now called *global classics*. Considering the greater interest in the international debate and the expansion of the topic in undergraduate courses in Brazil in recent years, an attempt is made to introduce some specificities to be considered in the case of classical reception in Brazilian literature and to argue for the dual path of international and national criticism to think theoretically about the way our authors received the Greek and Latin classics.

**Keywords:** classical reception; *global classics*; classical literature; Brazilian literature.

E não será inglês Virgílio?

Machado de Assis, crônica em *A Semana*, 11 de novembro de 1894

O interesse na chamada *recepção clássica*, subárea fervilhante dos estudos da Antiguidade no Brasil e alhures, tem promovido a multiplicação, nas últimas décadas, de estudos que trazem ao debate especializado novos sentidos a textos dos quais, por muito tempo e sem a devida problematização, foram privilegiadas interpretações feitas em um punhado de países de maior influência.<sup>1</sup> Transportada pelo colonialismo aos quatro cantos do globo, em um processo que ajudou a construir discursos que autorizaram um sem-número de violências, a literatura clássica, mais especificamente greco-latina, também passou há alguns anos a ser percebida como objeto singular de análise pelos que se interessam por uma perspectiva comparatista. Ainda recentemente, como se discute a seguir, começou-se a falar em *global classics*, área em definição, mas que tem incorporado como um dos seus fundamentos os estudos de recepção. Assim, o artigo faz um mapeamento desse percurso crítico, sem de forma alguma se pretender exaustivo,<sup>2</sup> com ressalvas a obras publicadas nos últimos cinco anos, tendo como objetivo principal sugerir a incorporação da tradição crítica brasileira para pensar a recepção clássica no país, em momento em que o tema está mais presente nos nossos cursos de graduação e recebe maior atenção no debate internacional.

## 1 Machado de Assis, clássico nacional leitor dos clássicos gregos

Como introdução ao problema, tomo um caso de recepção concreto: o da *Ciropédia*, de Xenofonte, por Machado de Assis, que em outro momento já discuti mais longamente (Sano, 2023). A narrativa de Xenofonte relata, de forma idealizada, a vida de Ciro, o Grande (~580-529 a. C.), da infância até a morte, por ter sido ele o responsável por erguer o grande império

---

<sup>1</sup> Sobre a recepção clássica no Brasil e na América Latina, veja-se, entre outros, Morais *et al.* (2023); Barbosa, Avellar, Silva (2022); Andújar, Nikoloutsos (2021); Silva, Funari, Garraffoni (2020), Laird, Miller (2018); Nikoloutsos, Gonçalves (2018), Rizo, Henry (2016); Silva, Augusto (2015); Chevitaress, Cornelli, Silva (2008).

<sup>2</sup> Não se teve acesso, por exemplo, ao livro *Reading the Past Across Space and Time: Receptions and World Literature* (2016), editado por Schildgen e Hexter.

persa e, na sequência, conseguido manter sua estabilidade. O texto tem uma história de recepção na Europa relativamente bem investigada.<sup>3</sup> Talvez o primeiro leitor a ter influência sobre como ele seria lido na posteridade tenha sido Cícero, que não só o estabeleceu como uma obra mais voltada ao governo justo do que modelo de historiografia, mas também teve influência na forma em que foi visto, no Renascimento, como um precursor das obras cujo gênero chamamos de *Espelho de Príncipes* e do qual o exemplo mais conhecido é aquele de Maquiavel.<sup>4</sup> Hoje, a crítica contemporânea está dividida: há quem veja em Ciro ou um governante justo, ou um governante manipulador e autoritário, ou uma espécie de combinação das duas coisas. De qualquer modo, o que une as interpretações é o fato de que a permanência do persa no poder é justificada pela sua notável habilidade política, conforme imaginada por Xenofonte.

Machado, nessa história de recepção, aparece como um ponto fora da curva. O autor mencionou um mesmo trecho da *Ciropédia* duas vezes: uma em crônica de 1894 e outra, no romance *Esau e Jacó*, de dez anos depois, em contexto que trata da derrocada da monarquia brasileira. O Conselheiro Aires lê a *Ciropédia* justamente no almoço do dia 15 de novembro de 1889. Tanto no romance, quanto na crônica, o narrador insiste que há uma contradição essencial do texto xenofontiano: ele primeiro afirma que o homem é o animal mais difícil de governar, mas, na sequência, mostra Ciro desmontando essa afirmação, por ter conseguido governar uma enorme quantidade de homens dispersos em vasto território. O narrador machadiano alega, então, que, quanto à *Ciropédia*, cabe ao leitor acreditar naquilo que preferir: o homem ou é difícil, ou, na verdade, fácil de governar, pois Xenofonte estaria dando margem a ambas as leituras.

---

<sup>3</sup> Menciono alguns estudos: Sancisi-Weerdenburg (1990), Tatum (1989, p. 3-19), Bowie (2017), Humble (2017).

<sup>4</sup> Na primeira carta endereçada ao seu irmão Quinto (I.1.23). Em outra carta, a Peto (*Fam.*, IX.25.1), o orador afirma sua leitura frequente da obra, a que se refere como de utilidade prática para o comando. Uma imitação do discurso de Cícero em seu leito de morte também pode ser observada no diálogo ciceroniano *Da Velhice* (XXII.79-81). São obras bastante usadas no ensino de latim a partir do Renascimento em diversos países da Europa e que ajudaram a determinar o lugar que a *Ciropédia* ocuparia na tradição de textos políticos. Uma outra teia de recepções se forma, por sua vez, quando pensamos a obra como espécie de precursora do romance antigo; cf. Reichel (2010), Capra (2009).

Sugeri que Machado ressalta a contradição de Xenofonte porque as disputas e as alternâncias de poder concebidas nos termos da *Ciropédia* não cabiam no contexto do Brasil pós-monarquia, um em que até os jornais da época escancaravam que a mudança de regime, da monarquia para república, não havia trazido mudança real. A fala do narrador machadiano, como ocorre frequentemente, mais do que irônica é também representativa da sua classe social, uma que pode permanecer sempre no mesmo lugar de privilégio no Brasil, a despeito das alternâncias de governo. Minha interpretação desse caso de recepção do texto clássico, que toma como ponto de partida o contexto histórico brasileiro, evidentemente não é a única possível. Para chegar a ela, fiz um percurso de escolhas teóricas e críticas que ora acataram conceitos fundamentais da recepção clássica, conforme formulada nos anos 1990, mas que ora as questionaram ou rejeitaram. Abaixo discuto a formação dessa perspectiva, tendo em vista refletir sobre as postulações da recepção clássica e o atual momento em que essa área se encontra – um em que, reconhecido o alcance global da literatura antiga greco-latina, novas considerações têm sido formuladas.

## 2 Recepção clássica: fundamentos e revisões<sup>5</sup>

Desde a publicação, em 1993, do seminal livro *Redeeming the Text: Latin Poetry and the Hermeneutics of Reception*, de Charles Martindale, o interesse acerca do que passou a se chamar de *recepção clássica* só se expandiu, ganhando contornos que o pesquisador a princípio não havia idealizado. No início dos anos 1990, interessava a Martindale sobretudo demonstrar, pela ideia da *trans-historicidade*, como a formulação de sentido de um texto antigo opera no diálogo constante entre momentos passados e o presente. Uma consequência direta dessa sua reflexão é que a própria disciplina dos Estudos Clássicos só poderia ser entendida como parte de uma teia de recepções, uma vez que toda obra antiga recebe novos sentidos dados por geração de leitores, sentidos esses

---

<sup>5</sup> Trata-se de uma revisão bastante breve da proposta de Charles Martindale. Para outras apresentações, cf. Bakogianni (2016), Nikoloutsos, Gonçalves (2018), Vargas (2021).

que se acumulam e necessariamente se integram ao texto.<sup>6</sup> Na tradição literária, além disso, um autor também poderia ser concebido como um leitor, como Machado de Assis com relação a Xenofonte, capaz de dar nova definição à obra clássica. Assim,

Nesse modelo, a distinção nítida entre a Antiguidade propriamente e sua recepção ao longo dos séculos é dissolvida. Um momento histórico particular não limita os sentidos de um poema: com efeito, um mesmo leitor romano poderia interpretar, digamos, uma ode de Horácio de forma muito diferente em conjunturas históricas distintas – os textos têm significados diferentes em contextos diferentes (Martindale, 2006, p. 4).<sup>7</sup>

Está claro que o que o crítico inglês pretendia trinta anos atrás era principalmente convencer os estudiosos da Antiguidade a abandonar certa atitude positivista e a obsessão pelo sentido “original” do texto em conformidade com seu momento de produção, o que equivaleria a conseguir “desvendar” o que Xenofonte queria dizer com a *Ciropédia*, se trabalhássemos para reconstruir o contexto histórico-cultural em que ela foi escrita, provavelmente na década de 360 a. C. Na perspectiva da recepção, esse acesso ao passado fica interdito, ele é vislumbrado apenas parcialmente, e os sentidos são sempre múltiplos, ainda que num mesmo momento histórico. Segundo Martindale, era preciso rever também a ideia de uma tradição clássica imutável que influenciava autores de outras épocas, sem ser por eles transfigurada, pois o vetor da leitura não operaria num único sentido, cronológico, mas nos dois: Shakespeare foi influenciado por Plutarco, mas igualmente influenciou

---

<sup>6</sup> No mais das vezes, digo “texto” porque me ocupo do estudo da literatura, mas a recepção clássica desde sua origem pensa variados meios de expressão artística, como filme, pintura, escultura, dança, canção etc.

<sup>7</sup> Todos as citações acompanhadas de nota-de-rodapé contendo o texto original foram traduzidas por mim. “On this model the sharp distinction between antiquity itself and its reception over the centuries is dissolved. A particular historical moment does not limit the significance of a poem; indeed the same Roman reader might construe, say, an ode of Horace very differently at different historical junctures – texts mean differently in different situations”.

a forma como hoje entendemos o escritor grego. Esse último argumento é o principal aspecto que se entende diferenciar os estudos de *tradição clássica* daqueles de *recepção clássica*, os primeiros focados em ideias como transmissão, legado e influência, que à época passaram a ser vistas como excessivamente passivas. Hardwick (2003, p. 2), em *Reception Studies*, justifica a distinção entre as duas expressões: “Isso implicava que a cultura antiga estava morta, mas poderia ser recuperada e reaplicada, contanto que se tivesse o conhecimento necessário”.<sup>8</sup> Ainda que o livro de 1993 fosse um manifesto pela adoção no âmbito dos Estudos Clássicos das teorias iniciadas pela Escola de Constança e que ficaram conhecidas como Estética da Recepção,<sup>9</sup> Martindale era bastante crítico de algumas das suas postulações e argumentava que ela estabelecia, por critérios arbitrários, estruturas rígidas entre práticas literárias em diferentes contextos históricos. No seu entendimento, os sentidos dados a uma obra literária ao longo do tempo se integrariam a ela, não sendo mais possível separá-los com clareza.

Pode-se ver, ainda, na concepção da recepção clássica a influência específica de Jacques Derrida e, no geral, da crítica francesa pós-estruturalista, pelo fato de que os sentidos das obras clássicas são concebidos como algo em disputa, a serem libertados de hierarquias cronológicas, mas também de outras naturezas – uma reflexão que à época tinha levado ao questionamento da política de formação do cânone e do seu papel num possível aprisionamento dos leitores em um passado problemático, racista, colonialista e patriarcal. Como resultado, por um

---

<sup>8</sup> “This rather implied that ancient culture was dead but might be retrieved and reapplied provided that one had the necessary learning”.

<sup>9</sup> O texto fundador da escola é o “História da Literatura como Provocação à Teoria Literária”, apresentado por Hans Robert Jauss em 1967 com o título inicial de “O que é e com que propósito se estuda História Literária?”. Uma tradução foi publicada no Brasil em 1994. O que se propunha era ponderar a historicidade dos textos, mas também a resposta estética do leitor no (seu) momento presente. Alguns estudos fundamentais dos Estudos da Recepção estão reunidos no livro *A Literatura e o Leitor* (2007), organizado por Luiz Costa Lima. Para uma introdução aos fundamentos teóricos e seu contexto intelectual mais imediato, cf. Zilberman (1989). Para um panorama mais amplo, que apresenta o âmbito filosófico em que os conceitos são formulados, é útil Eagleton (2019), em especial o segundo capítulo.

lado, o trans-historicismo operaria numa cadeia de recepções que sempre afetam nossa leitura atual e, por outro, permitiria a leitura de dois textos de épocas distintas lado a lado, um iluminando o outro. Analisar como a *Ciropédia* aparece no romance *Esau e Jacó* ajudaria a entender melhor a obra de Machado, mas o autor brasileiro igualmente estaria oferecendo novos sentidos ao texto xenofontiano.

Assim, é possível localizar a proposta de Martindale num cenário mais amplo de reformulação, nos anos 1990, da nossa relação com a tradição literária. No contexto específico dos Estudos Clássicos, a intertextualidade, por exemplo, que se tornou uma abordagem especialmente influente no Brasil, em alguns aspectos chega a se confundir as teorias da recepção, sobretudo pelo impacto que teve a concepção de intertextualidade de Don Fowler, exposta no artigo “On the shoulders of Giants”, de 1997, e a importância nela dado ao leitor para determinação dos sentidos.<sup>10</sup> Ora, a criação de novos significados por meio de uma dialética entre semelhança e diferença entre textos, reconhecida no ato da leitura, leva ao resultado fundamentalmente ideológico da ampliação do número de intertextos que importam na formulação do sentido, como bem notou Fowler:

A leitura intertextual, longe de ser um método formalista que isola textos na literatura, é essencialmente ideológica. Dizer que este texto é relevante, mas não aquele, não é descobrir o sistema literário, mas construí-lo, e essas construções são parte de construções mais amplas da Antiguidade [...] é importante que o sistema literário (e com ele a noção do literário em si) não seja visto simplesmente como um dado dentro do qual a crítica atua sem controvérsias: as próprias fronteiras desse sistema estão em contestação (Fowler, 2019, p. 109).

A recepção clássica, portanto, se origina não apenas da ideia de que nosso entendimento da Antiguidade greco-latina foi construído por gerações anteriores e é necessariamente determinado pelo presente, mas

---

<sup>10</sup> No Brasil, cabe mencionar a importância da pesquisa desenvolvida na Unicamp em torno do conceito de intertextualidade na literatura latina nas duas últimas décadas. À guisa de exemplo do uso da intertextualidade no estudo da recepção clássica, cf. Trevizam, Prata (2023); Werner (2023); Avellar (2018).

também da percepção de que os sentidos dados aos textos clássicos são mais numerosos e diversificados do que aqueles que ganhavam especial reconhecimento pela academia até aquele momento. Trata-se de um gesto político, com consequências claras para uma disciplina tradicionalmente organizada em torno do eurocentrismo. Não por acaso, em pouco tempo, a recepção clássica passou à adoção de abordagens variadas para pensar o processo de significação de uma obra.

Desse modo, tal área de pesquisa se configurou nas últimas décadas como interdisciplinar e nela são analisados objetos tão díspares quanto a própria literatura antiga e jogos de *videogame*. Estudos pós-colonialistas, feministas, voltados às culturas nacionais ou à cultura popular têm se avolumado. Já se defendeu que o termo “recepção” passasse a ser encarado como um *conceito itinerante* (“travelling concept”) como formulado por Mieke Bal, “ou seja, a adoção de uma palavra ou nome proveniente de um campo de estudo próximo, com o objetivo de se ampliar o próprio campo de estudo” (Pourcq; Haan; Rijser, 2020, p. 5).<sup>11</sup> Nesse cenário, há mais de dez anos Charles Martindale tem se pronunciado contrário a um movimento que entende diminuir a centralidade e a especificidade da literatura greco-latina em favor de estudos culturais que desconsideram sua dimensão estética.<sup>12</sup> De fato, é preciso reconhecer que a recepção clássica pode pôr em xeque a especialidade do classicista conforme concebida no século XX, pois, se uma parte dos estudos se volta à Antiguidade propriamente, investigando como nosso atual entendimento sobre ela se organizou ou até se é possível

---

<sup>11</sup> “A word or a name adopted from a neighboring field of study with the aim of opening up one’s own field of study”. Os autores ainda esclarecem (2020, p. 4): “empregar o termo recepção significou estabelecer o objetivo de fazer conexões com as humanidades contemporâneas, nas quais questões semelhantes como memória, identidade cultural, adaptação, mobilidade cultural, herança, materialidade e comunidades culturais estavam e ainda estão em discussão. Para os classicistas, isso significa deixar seu campo disciplinar e mover-se em direção a outras áreas de estudo” (“deploying the term reception meant to set an agenda of making connections with the contemporary humanities, in which similar issues like memory, cultural identity, adaptation, cultural mobility, heritage, materiality and cultural communities were and still are on the agenda. For classicists, this means leaving their disciplinary field and moving into other areas of study”).

<sup>12</sup> Veja-se, por exemplo, Martindale (2010).



apreendê-la de fato, outros casos estudados parecem iluminar muito mais o contexto de recepção do que a própria Antiguidade.

Há também, claro, aspectos controversos na formulação primordial da recepção clássica. A frase mais conhecida de *Redeeming the Text* é “o sentido é sempre entendido no momento da recepção” (Martindale, 1993, p. 3).<sup>13</sup> Porém, na coletânea *Classics and the Uses of Reception* (2006), que serviu como uma espécie de balanço crítico daquilo que havia sido feito na subárea até então, é evidente que parte significativa dos autores entende essa ideia como algo que pode levar à nociva falta de parâmetros. Critica-se, com razão, a pouca importância que passou a ser dada à historicidade do texto<sup>14</sup> e ao contexto ideológico do ato de recepção, advogando-se por análises mais politizadas, uma vez que o método de Martindale poderia ser visto como “paradigmático de um ramo da recepção que vê a relação entre a literatura clássica e seu *Nachleben*<sup>15</sup> como um diálogo entre textos que *flutuam livremente*”<sup>16</sup> (Leonard, 2006, p. 119, grifo próprio).<sup>17</sup> Outra das propostas apresentadas no livro pretendia devolver o lugar devido de produção de sentido à própria obra; o receptor, assim, deveria ser visto como apenas mais um dos atores que participam de um diálogo complexo, ao lado do produtor

---

<sup>13</sup> “*Meaning, could we say, is always realized at the point of reception.*”

<sup>14</sup> Hexter argumenta que isso ocorreu no contexto mais amplo da Estética da Recepção (Hexter, 2006, p. 24): “a dimensão histórica e até a estética da ‘teoria da recepção’ e mesmo da ‘história da recepção’ desapareceram gradualmente diante de uma ênfase crescente no leitor *qua* leitor, obviamente a pedra angular de qualquer abordagem baseada em recepção, mas atualmente o foco da análise e da sistematização por si próprio” (“the historical and even the aesthetic dimensions of “reception theory” and even “reception history” faded in the face of the growing emphasis on the reader *qua* reader, obviously the cornerstone of any reception-based approach but now the focus of analysis and systematization all its own”).

<sup>15</sup> “*Nachleben*” é um termo que, desde o advento da recepção clássica, tem sido menos utilizado, mas, de forma geral, ele se refere à “sobrevida” de imagens e motivos, se referindo, no caso da literatura clássica, à continuidade da sua presença em outros contextos. O termo foi emprestado das teorias de Aby Warburg (1866-1929), historiador da arte.

<sup>16</sup> “[...] paradigmatic of a branch of reception which sees the relationship between classical literature and its *Nachleben* as a dialogue between free-floating texts”.

<sup>17</sup> Martindale reconheceu que a ideia de trans-historicismo poderia levar a esse entendimento e retomou o conceito de outra forma posteriormente, cf. Martindale (2013).

do texto e dos intermediários entre um e outro (Whitmarsh, 2006). Essas são duas das revisões que considero relevantes.

### **3 Da recepção clássica ao *global classics*: uma questão sempre política**

Hoje ainda podemos entender melhor sobre a presença da literatura clássica greco-latina nos Estados Unidos e na Europa do que no Brasil, já que os estudos de recepção cresceram de forma exponencial nos últimos vinte anos sobretudo no contexto anglófono, mas também é claro o aumento do número de publicações que ampliam nossa visão a respeito de como os clássicos foram e são lidos aqui e em outras partes do mundo.<sup>18</sup> Nesse contexto, a expressão *global classics* passou ser utilizada, ainda que o entendimento sobre o que ela significa seja variado. Esta seção do artigo discute algumas das definições já sugeridas.

Uma acepção universalista foi apresentada pelo grupo de classicistas da Universidade de Gana que organizou duas conferências sobre o tema: “Classics and Global Humanities”, em 2018, e “Global Classics and Africa: Past, Present, and Future”, em 2020. A chamada para o último evento declarava que “como parte de medidas de reparação, os estudiosos começaram a explorar a ideia de ‘Global Classics’, demonstrando como os Clássicos relacionam-se com o espectro mais amplo da humanidade e da sociedade” (CFP [...], 2020).<sup>19</sup> No espaço breve de um *call for papers*, que limita a exposição conceitual, os organizadores chamam a atenção para o fato de que atender reivindicações de grupos historicamente injustiçados é algo que agora se estende para o estudo da literatura clássica e que é esse, em suma, o cerne do que se entende como global: trata-se de algo que vai além de fronteiras nacionais e que convida a ultrapassar também os limites entre disciplinas, com o fim de que os clássicos possam ter sua parte na construção de uma humanidade mais justa.

---

<sup>18</sup> O aumento de estudos nessa área de pesquisa resultou na criação do periódico *Classical Receptions*, da editora da Universidade de Oxford, em 2009. Em 2017, a *Nuntius Antiquus* também passou a publicar no Brasil regularmente dossiês temáticos sobre recepção clássica na América Latina.

<sup>19</sup> “As part of restitutive measures in the field, scholars have begun exploring the idea of ‘Global Classics’, showing how the Classics connects with the broad spectrum of humanity and society”.

Por sua vez, definição mais restritiva é dada por Shadi Bartsch, em artigo que investiga a possibilidade do *global classics* em contexto pós-Covid: “os Clássicos como são recebidos fora do Ocidente” (Bartsch, 2022, p. 33).<sup>20</sup> Essa é a perspectiva de fato mais comum e que, por princípio, se define a partir de fronteiras, sendo devedora da ideia de *literatura mundial* conforme formulada no fim dos anos 1990. No ambiente acadêmico norte-americano, dada a situação de intensa crítica aos Clássicos enquanto instrumento de opressões várias, que é potencializada pela estrutura universitária privada e pelo sistema de financiamento dos departamentos,<sup>21</sup> Bartsch reflete se o que vem de fora do Ocidente é o remédio para a crise.<sup>22</sup> O gesto não é novo. No caso de Bartsch, porém, que tem se dedicado a estudar a recepção dos clássicos na China, a possibilidade é levantada com hesitação. Após a menção a algumas iniciativas que considera positivas, relata-se o uso que alguns nacionalistas chineses têm feito do cânone ocidental para “reforçar suas próprias visões políticas” (Bartsch, 2022, p. 40)<sup>23</sup> que, por sua vez, enaltecem a estrutura chinesa e rejeitam valores ocidentais modernos. Nesse cenário, Bartsch se questiona: “Quem está em posse do sentido desses textos? Chegou a hora de finalmente responder ‘ninguém’ e deixar

---

<sup>20</sup> “Classics as it is received outside the West”.

<sup>21</sup> A crítica é formulada de modo mais elaborado e contundente por Dan-El Padilla Peralta, professor da Universidade de Princeton. Um longo perfil seu, escrito por Rachel Poser e publicado no jornal *The New York Times* em 2021, intensificou o debate internacional. Como resposta, lançou-se o manifesto *Critical Ancient World Studies* (Umachandran; Ward, 2024), no qual Padilla Peralta colabora com um capítulo.

<sup>22</sup> A questão é formulada por Bartsch da seguinte forma (2022, p. 33): “Os Estudos Clássicos globalizados podem ajudar a remediar essa herança, ao gerar novas e diferentes leituras para além dos limites das fronteiras nacionais e, assim, demonstrar que esses textos têm o potencial de nos fazer interagir – e aos outros – com eles de formas significativas, que não precisam repetir as limitações interpretativas impostas sobre eles ao longo da história?” (“Can a globalized Classics help to redress this heritage in generating new and different readings beyond the confines of national boundaries, and in so doing demonstrate that these texts have the potential to engage with us—and others—in meaningful ways that need not repeat the interpretive limitations imposed on them over history?”).

<sup>23</sup> “to shore up their own political views”.

os Clássicos serem realmente globais?” (Bartsch, 2022, p. 40),<sup>24</sup> uma formulação propositalmente algo contraditória, em que os Clássicos podem não ter dono, mas ao mesmo tempo existe *alguém* capaz de permitir sua globalização.

Tornar os clássicos globais como saída para a crise, descrita com contornos mais amplos,<sup>25</sup> é algo que, com mais confiança, Gregory Crane (2020) havia proposto, falando a partir do seu principal campo de atuação, os *Digital Classics* nos Estados Unidos e na Alemanha. O objetivo é “estabelecer o diálogo entre as civilizações” (Crane, 2020) por meio de fontes gregas e latinas.<sup>26</sup> A proposta se concretiza com a adoção de medidas que permitam a divulgação digital de milhares de textos nessas duas línguas. Dado o número restrito de pesquisadores com formação para leitura desses idiomas, o envolvimento do cidadão não especialista seria fundamental para a criação de uma “comunidade intelectual global, descentralizada” (Crane, 2020).<sup>27</sup> O acesso permitiria escapar de um cânone composto de apenas algumas dúzias de textos: “o grego e o latim não precisam mais funcionar como a herança privada da Europa e suas ex-colônias, mas como linguagens do mundo e componentes críticos de um diálogo emergente e essencial entre as civilizações” (Crane, 2020).<sup>28</sup> Assim, os *global classics* concebidos por Crane ainda são um trabalho a ser feito, de fato uma proposta, cujo principal problema parece ser o de equivaler a disponibilização global dos textos gregos e latinos ao interesse global nesse passado comum e ao debate intelectual sobre eles, livre de hierarquias.

---

<sup>24</sup> “Who owns the meaning of these texts? Is it time to finally say ‘nobody’ and let Classics be really global?”.

<sup>25</sup> Crane discute a formação de estudantes de Humanas nas universidades americanas, que vê como inferior em muitos aspectos à das Exatas, e aponta o isolamento atual dos classicistas, que não dialogam para além de seu nicho. Para tanto, ele faz uma análise crítica da história dos Estudos Clássicos na Europa e nos Estados Unidos e em suas instituições universitárias.

<sup>26</sup> “to make sources in Greek and Latin advance a broader dialogue among civilizations”.

<sup>27</sup> “to create a global, decentralized intellectual community”.

<sup>28</sup> “Greek and Latin need no longer serve as the private heritage of Europe and its former colonies but as world languages and critical components in an emerging, and essential, dialogue among civilizations”.

O ano de 2020 viu ainda a publicação de *Postclassicisms* pelo coletivo Postclassicisms, um grupo de nove distintos estudiosos da Antiguidade que atuam nas mais prestigiosas universidades anglófonas.<sup>29</sup> Trata-se de uma espécie de manifesto progressista, mas essencialmente de fundamentação teórica-conceitual, direcionado ao (pós-)classicista bem-intencionado. No capítulo “World”, propõe-se o estudo comparativo de classicismos (“tais como hebreu, chinês, sânscrito, persa e árabe”, 2020, p. 195)<sup>30</sup> para mover Grécia e Roma da sua posição central nos estudos da Antiguidade, na chave do que alguns dos membros do coletivo já têm desenvolvido. Introduzir na formação acadêmica a perspectiva comparatista é uma proposta forte atualmente, um dos fatores sendo o maior fluxo de pesquisadores estrangeiros nas instituições internacionais. É importante considerar que estruturamos as disciplinas de formas distintas no Brasil e no cenário anglófono: além de literatura e língua, *Classics* engloba arqueologia e história antiga, ao passo que nossas universidades mais comumente dividem essas disciplinas entre Letras e História, o que, ao menos teoricamente, ofereceria condições mais propícias para esse tipo de abordagem comparatista.<sup>31</sup>

No que toca à recepção clássica especificamente, por sua vez, o coletivo vê seu papel no mundo com ressalva, chamando a atenção para o perigo de ela ajudar a promover a hierarquização das tradições locais, mantendo-se a primazia e a validação de grupos intelectuais que tenham dialogado com a literatura greco-latina. Assim, “isso levanta a questão mais ampla de se podemos ou devemos mesmo estar globalizando os clássicos” (2020, p. 189),<sup>32</sup> o que, a despeito de quão inclusivo seja o

---

<sup>29</sup> Alastair Blanshard, Simon Goldhill, Constanze Güthenke, Brooke Holmes, Miriam Leonard, Glenn Most, James Porter, Phiroze Vasunia, Tim Whitmarsh.

<sup>30</sup> “such as Hebrew, Chinese, Sanskrit, Persian, and Arabic”.

<sup>31</sup> No Brasil, cf. Bueno (2005). Hoje, porém, poucos no país teriam condições de adotar essa abordagem comparatista para além do amadorismo, dada a complexidade e especificidade de tais culturas. Projetos interdepartamentais, interdisciplinares e interinstitucionais seriam possíveis naquelas universidades que ainda empregam especialistas em culturas antigas, sob condição de maior investimento em pesquisa. Nossos desafios têm também a dimensão financeira, não apenas conceitual.

<sup>32</sup> “This raises the broader question of whether we could or should be globalizing classics at all”.

uso do pronome “nós”, me parece apresentar os *global classics* como processo recém-iniciado, da qual a agência (relativa), como no caso de Shadi Bartsch, é desse mesmo grupo de *scholars* – no que não há equívoco, dentro de sua concepção de global, dada a posição de prestígio de onde falam.<sup>33</sup> Ou seja, não basta reconhecer a presença quase ubíqua da cultura greco-latina: até pelo paralelo com a *literatura mundial*, para os *global classics* existirem é preciso que os pesquisadores das instituições euro-americanas influentes se envolvam em projetos que discutam essa presença em outros locais. O coletivo então aponta diferentes regiões do globo com frequência no capítulo, chamando a atenção para o fato de que a recepção clássica está presente na África subsaariana; no Caribe, no Irã, no Iraque, no Egito e no Líbano; na América Central e na América do Sul (The Postclassicisms Collective, 2020, p. 188). São muitas as possibilidades que se apresentam. O caminho para elas, no entanto, envolveria fazer “uma ‘descrição robusta’ sensível” da especificidade desses atos de recepção, para não incorrer em nova imposição de domínio intelectual.

Nessa discussão sobre “mundo”, o coletivo apresenta um cenário transfronteiriço dos Clássicos tanto na atualidade quanto na Antiguidade, um em que, se os limites existem, não têm tanta relevância, já que se mostram fluídos e permeáveis. Não é que o Coletivo não reconheça fronteiras geopolíticas, culturais e conceituais (The Postclassicisms Collective, 2020, p. 200), mas o clássico é por eles representado como essa entidade capaz de atravessar todas elas (The Postclassicisms Collective, 2020, p. 191), invalidando a concepção de centro-periferia. Assim, quando da introdução das teorias da recepção e da intertextualidade no campo específico da literatura clássica nos anos 1990, os argumentos chamavam a atenção para a determinação política dos limites, mas o momento agora parece ser fundamentalmente outro. Se o *clássico* já superou os limites, como o classicista quer agora atravessar essas mesmas fronteiras para estudá-lo?

Nesse sentido, o método de Laura Jansen, autora de *Borges' Classics* (2018), cujo subtítulo é justamente *Global Encounters with the*

---

<sup>33</sup> Cabe talvez observar que as hierarquias a que as literaturas nacionais foram submetidas estão, no momento, ao menos no Brasil, sendo questionadas a um ponto irrefreável pelo classicista do século XXI.

*Graeco-Roman Past*, pode servir à reflexão. O livro problematiza pouco o conceito de *global classics*, mas uma definição é oferecida: “um campo que reconhece o caráter múltiplo, fragmentário e transcultural do passado clássico, conforme ele circula e assume formas específicas em diferentes regiões ao redor do globo” (Jansen, 2018, p. 123).<sup>34</sup> A autora discute as conhecidas ideias de Jorge Luis Borges de espaço fluído e de ciclicidade do tempo, relacionando-as a autores greco-latinos e à teoria da recepção. As consequências de tais ideias seriam: o colapso do sentido de “original”, o clássico como entidade atópica e o acesso fragmentário ao passado.

Jansen, porém, menciona duas questões, sem se engajar de fato nelas, que teriam sido relevantes para a abordagem global que propõe:<sup>35</sup> as ressalvas já feitas ao conceito de *literatura mundial* e a importância do contexto intelectual argentino para a obra borgiana, mais celebrenemente argumentada por Beatriz Sarlo (1993).<sup>36</sup> Vejo essas ausências como problemáticas. A resenha que Rosa Andújar faz do livro (2021), além disso, chama a atenção para a falta de uma visão mais crítica do *orientalismo* de Borges, uma vez que se enfatiza a presença do “Oriente” na sua obra como um dos elementos do seu globalismo. Essas faltas nos fazem indagar o que deve constar numa “descrição robusta sensível” da especificidade de um determinado ato de recepção. Não se trata aqui de refutar a interpretação dos clássicos em Borges nos termos propostos por Jansen, mas de chamar a atenção ao fato de que pouco se discute a variedade de *condições* em que o passado clássico tem circulado globalmente, uma expectativa natural, dado o título do livro.<sup>37</sup>

Ao mesmo tempo, um classicismo borgiano que não reconhece centro, originais, fronteiras, começos e fins, aberto para subjetividade do leitor, é como um espelho, refletindo um conceito de recepção clássica originado no pós-estruturalismo e atualizado para acomodar o global, ainda que se afirme que a visão de Borges *se afasta* dos “modos

---

<sup>34</sup> “It is a field that acknowledges the multiple, fragmentary and transcultural character of the classical past as it circulates and takes specific forms in different regions around the globe”.

<sup>35</sup> Cf. Jansen (2018, p. 18-19 e p. 20-21).

<sup>36</sup> Sobre o problema da recepção internacional de Borges, cf. Adriaesen *et al.* (2015).

<sup>37</sup> Na recepção clássica, Greenwood (2010), por exemplo, trata do caso do Caribe no século XX com ampla referência ao contexto educacional e intelectual.

anglófonos de recepção clássica”.<sup>38</sup> Considerando-se os últimos anos, talvez melhor fosse afirmar que Borges os antecipa, como fizeram alguns críticos latino-americanos quando do advento do pós-estruturalismo. Faz-se uma escolha de não situar o conceito de global do autor argentino no seu próprio tempo, mas de aproximá-lo das aspirações atuais da recepção clássica. Cabe, no entanto, refletir sobre a extensão da concepção borgiana a outros usos na escrita de Jansen. Por exemplo, em nota que explica o título de uma obra de Leopoldo Lugones (1874–1938), *El payador*, Jansen (2018, p. 15, n. 21) esclarece que “um ‘payador’ é um menestrel gaúcho que improvisa ‘payadas’ [...]. *Mutatis mutandi*, o payador pode ser entendido como uma versão moderna dos *cantores* pastorais das *Éclogas* de Virgílio”.<sup>39</sup> Quais os efeitos dessa comparação hoje, que apenas repete, sem problematizar, aquele proposto pelo próprio Lugones? Não me parecem que sejam bons.

Há ainda outra concepção teórica a se considerar, que nos permite ampliar os contrapontos à perspectiva acima apresentada. A abordagem global se difundiu antes entre os historiadores da Antiguidade<sup>40</sup> e mantém-se em processo de definição, do qual fazem sólida apresentação Uiran Gebara da Silva e Fabio Morales (2020). Recentemente, Jacques Bromberg, em *Global Classics* (2021), deu especial ênfase à recepção clássica como parte fundamental de sua proposta metodológica, em razão do seu caráter trans-histórico, vendo, porém, como problemáticos os limites nacionais que estão sendo dados à disciplina. Para o autor, o fim último desse processo de globalização enquanto perspectiva

---

<sup>38</sup> “O remapeamento global que Borges faz do território da antiguidade e de seu legado no imaginário do século XX oferece uma oportunidade de repensar a identidade cultural do cânone clássico, especialmente à medida em que ele emerge e se afasta dos modelos anglófonos de recepção clássica” (“Borges’ global remapping of the territory of antiquity and its legacy in the twentieth-century imagination offers an opportunity to rethink the cultural identity of the classical canon, especially as it emerges in, and moves away from, Anglophone models of classical reception”, Jansen, 2018, p. 120).

<sup>39</sup> A ‘payador’ is a gaucho minstrel who improvises ‘payadas’ [...]. *Mutatis mutandi*, the payador, can be understood as a modern version of the pastoral cantores one finds in Virgil’s *Eclogues*”.

<sup>40</sup> Para uma discussão sobre recepção clássica e usos do passado nos estudos de História no Brasil, cf. Garraffoni, Silva, Funari (2020).



acadêmica é ser um elemento de transformação social. Nota-se, porém, que a discussão internacional, ao não se internacionalizar de fato, traz à tona questões às vezes já debatidas sem a devida revisão. A proposição de Bromberg é deficitária, conforme Fabio Morales (2022), pelo desconhecimento não apenas da produção científica de outros países, mas também da diversidade das estruturas acadêmicas fora do mundo anglófono. Para Morales, isso leva Bromberg, entre outros equívocos, a adotar um entendimento de globalização como espaço sem fronteiras e sem centros, em que o local não é suprimido, mas, ao contrário, pode ser visto e valorizado na sua interação com o global. Martindale apontara já em 1993 que todo método de estudar a Antiguidade está atravessado pelo trans-historicismo e a globalização na Antiguidade é abertamente pensada em relação à nossa experiência atual. Assim, as demarcações políticas, como sabemos, seguiram resistindo, tendo sido, aliás, fortalecidas nos últimos vinte anos:

Tal contexto fez com que mesmo aos estudiosos do Norte Global, pouco acostumados a esta percepção, fosse imprescindível uma reformulação do conceito de globalização em função do conceito de fronteiras internas e externas, culturais e econômicas, regionais e sociais [...] Ora, processos globais não são globais porque negam ou transgridem as fronteiras, ou porque não têm centros (e consequentemente, periferias), mas porque reconfiguram as fronteiras em função de projetos socialmente definidos (Morales, 2022, p. 246).

De certa forma, esse mesmo cenário já há alguns anos está sendo considerado na crítica ao conceito de *literatura mundial*, por vezes acusado de representar a *Realpolitik* cultural da globalização (Huggan, 2011), ou seja, uma especulação teórica sobre literatura que surgiria como “suporte simbólico” do neoliberalismo, indo na esteira de uma vanguarda econômica nociva, criadora das condições que possibilitam imaginar o mundo como unidade.<sup>41</sup> De qualquer modo, para servir ao interesse de

---

<sup>41</sup> Cf. Locane (2019). O mesmo ocorre com a ideia de história global, cf. Morales e Silva, (2020, p. 132).

uma sociedade mais justa não apenas localmente, seria interessante que os estudiosos da recepção clássica, *ao adotar a abordagem global*, não projetassem uma imagem de encontro entre o antigo e o moderno num espaço sem fronteiras e sem distinção de tempos, mas, ao contrário, mantivessem o diálogo entre histórico e trans-histórico e ponderassem as dinâmicas de poder envolvidas nas diversas condições em que ocorrem os casos de recepção ao redor do mundo. Elas ainda estão atuantes.

#### 4 Recepção clássica no Brasil: o local e o global

Pode-se constatar, nas concepções de *global classics* acima expostas, por vezes algum ceticismo, por vezes certo utilitarismo, ainda que conjugados, em geral, à expressão da busca do bem comum. Aqui e em outras partes do chamado Sul Global, porém, o mero olhar para os Clássicos além de fronteiras nacionais não parece ajudar a remediar nossas questões.<sup>42</sup> Porém, se o Brasil, enfrentando seus próprios problemas nas margens do Ocidente, parece ter uma posição nos *global classics* conforme concebidos em outras partes do mundo, sugiro que seja uma em que se permita olhar mais demoradamente para si. Afinal, atribuir novas formas e sentidos à tradição literária, da qual os antigos são parte privilegiada, é uma realidade que temos tematizado antes do advento da *recepção clássica*.

É fato que o bem-vindo aumento de publicações sobre a presença dos Clássicos em diversas partes do mundo permite pensar como autores combinam tradições locais com “temas transnacionais e trans-históricos” (Greenwood, 2013, p. 256).<sup>43</sup> Uma vez isso reconhecido,

---

<sup>42</sup> Suzanne Charland (2018), em resenha ao livro *South Africa, Greece, Rome: Classical Confrontations*, editado por Grant Parker (2017), nota a ausência de colaboradores negros no livro para além do editor, considerando que reflete um problema maior de desinteresse nos Estudos Clássicos na África do Sul, em que a disciplina ou está muito associada ao “colonial” ou não há entendimento do verdadeiro potencial do campo.

<sup>43</sup> “to combine local traditions with transnational and trans-historical themes”. Essa é uma percepção que pode ser notada em estudos recentes; por exemplo, Stephens e Vazunia (2010, p. 7), observam que “nosso foco na antiguidade clássica expõe elos e conexões (às vezes poderosos e produtivos, às vezes frágeis e tênues) entre diferentes culturas nacionais” (“our focus on classical antiquity brings out linkages and connections

Emily Greenwood (2013), refletindo sobre os problemas de caracterizar a literatura greco-latina como *universal*, argumenta que se trata de uma ideia perpetuadora da assimetria, porque privilegiaria algumas recepções sobre outras, em um falso universalismo. Ela propõe, então, o conceito de “omni-local” como substituto do “universal”, ou seja, o clássico pertence a todos os lugares. Nessa perspectiva, toda recepção seria “local”, incluindo, por exemplo, a *Antígona* de Sófocles, ela própria cercada de especificidades contextuais (culturais, políticas, históricas, religiosas) na apropriação que faz do mito, ao mesmo tempo em que suas várias recepções ao longo do tempo e do espaço formariam um todo que se relaciona por meio da obra clássica.

A ênfase no localismo de todo ato de recepção é sem dúvida salutar, mas seria importante ponderar o quanto a mudança terminológica é passo importante para começar a desfazer a ideia de *falso universalismo* e o quanto ela pode ajudar a camuflar hierarquias e limites de influência ainda em vigor. Jorge Luis Borges é um autor que se tornou objeto de análise da recepção clássica quando seus textos já há muito tempo circulavam traduzidos, mas o debate internacional (não necessariamente global) sobre recepção clássica pode ocorrer em torno de obras de difícil acesso até localmente. Vemos isso com as performances teatrais brasileiras, por exemplo, a respeito das quais nem sempre é simples recuperar informações, mesmo das encenadas há poucos anos.<sup>44</sup> Alguns casos de recepção são, assim, mais locais do que outros. Outro exemplo: creio que se Luciano de Samósata se tornou um clássico mais relevante no Brasil do que em outros lugares, a valiosa interação local de Machado de Assis com o autor, para citar uma relativamente bem analisada,<sup>45</sup> globalmente não determinou novos sentidos reconhecidos para obra de Luciano ou lhe concedeu maior prestígio no cânone atual, coisa que estudos sobre um autor europeu talvez lograssem. Pelo menos, é o que

---

(sometimes powerful and productive, sometimes friable and tenuous) between different national cultures”).

<sup>44</sup> Convém registrar o trabalho de Renata Cazarini Freitas no blog *Palco Clássico* (<http://palcoclassico.blogpost.com>), importante arquivo de um cenário rico em recepção clássica.

<sup>45</sup> Cf. Rego (1989), Brandão (2001/2), Costrino (2020).

Martindale parece supor quando argumenta que “Homero foi modificado para nós por Virgílio e Milton, cujas marcas estão no seu texto e, com isso, eles permitiram novas possibilidades de sentido” (1993, p. 6).<sup>46</sup>

Os “falsos universalismos”, portanto, foram importantes nos sentidos atribuídos aos textos gregos e latinos ao longo do tempo em diferentes contextos culturais. A recepção clássica pode tomar como ponto pacífico que as leituras passadas transformaram as obras clássicas com o tempo, mas é também verdade que todas elas não afetaram, do mesmo modo, o seu entendimento. Isso é de especial importância quando se pensa em um cenário periférico, em que, além disso, os clássicos são, de fato, menos lidos. Os sentidos dados por Machado de Assis à *Ciropédia* de Xenofonte no romance *Esau e Jacó* talvez possam ser notados por alguém que, na experiência individual de leitura, reconhece a passagem do texto xenofontiano diante de si. Mas esse caso específico de recepção por Machado é relevante para um leitor que não perceba a referência?<sup>47</sup> Seria possível conectar a interpretação de Machado, de caráter singularmente irônico, a leituras anteriores ou posteriores na literatura brasileira? E se não pudermos estabelecer essas conexões ou, ainda, um (novo) sentido interessante (ou politicamente relevante), que faça valer de forma clara o conceito de trans-histórico por “energizar o clássico” (Martindale, 2013, p. 177),<sup>48</sup> o caso continua digno de nota?<sup>49</sup>

---

<sup>46</sup> “Homer has been changed for us by Virgil and Milton, who have left their traces in his text, and thereby enabled new possibilities of meaning”.

<sup>47</sup> Cf. Hardwick (2011, p. 42): “Quando os estudiosos rastreiam migrações textuais ou constroem modelos de intertextualidade ou adaptação, eles mapeiam uma série complexa de processos históricos e estéticos interrelacionados, dos quais nem sequer o leitor ou espectador mais erudito poderia estar ciente no momento da recepção [...] O efeito tem sido colocar leitores e espectadores como agentes dominantes em um processo do qual eles estão em grande parte ou totalmente inconscientes” (“Yet when scholars trace textual migrations or construct models of intertextuality or adaptation, they map a complex series of interlocking historical and aesthetic processes of which not even the most erudite reader or spectator would be aware at the moment of reception (or perhaps at all, even in the recollections permitted by tranquillity). The effect has been to place readers and spectators as dominant agents in a process of which they are mostly or even totally unaware”).

<sup>48</sup> “Dialogic reception energizes the classics”.

<sup>49</sup> Uma resposta é oferecida por Tim Rood (2013), na perspectiva de um historiador.

Não é objetivo deste artigo responder a todos os questionamentos, mas apontar que a recepção clássica talvez tenha que ser repensada no nosso contexto específico.

De qualquer modo, acredito que a ideia de *tradição clássica* possa ser recuperada, sem prejuízo para a ênfase no aspecto criativo que se considera intrínseco na recepção, o que já tem ocorrido na prática.<sup>50</sup> O conceito de tradição clássica continua relevante: porque colonialismo aconteceu, houve uma época em que abundou em textos de nossos escritores, como apontou Brito Broca, uma “mania da Grécia”, mas de uma “Grécia de cartolina” (2005, p. 153), que pouco acrescia além de verniz;<sup>51</sup> com igual frequência se poderia apontar o desejo de subversão, mais comum diante daquilo que se reconhece como autoridade. Não são essas as únicas possibilidades de interação com a literatura antiga, mas os exemplos bastam para ilustrar que o vetor de leitura não é unidirecional, mas o de *status* foi (e na teia que formam as mediações que nos trazem ao presente, de muitas formas continua a ser). É importante repetir que isso não impede, nem impediu, um engajamento com os clássicos que também fosse esclarecido ou iluminador – e esses casos costumam ser os privilegiados na análise literária. Em termos de debate sobre um autor específico, talvez o melhor exemplo que temos no Brasil atualmente seja o de Guimarães Rosa, cuja obra, desde o pioneiro estudo de Ana Luiza Martins Costa (1997), tem recebido olhar arguto dos classicistas, que revelam um envolvimento sofisticado e não evidente com a tradição a partir de diferentes abordagens teóricas.<sup>52</sup>

## 5 O universal no debate local

Creio, assim, que se deve reconhecer o contexto internacional e os termos em que a recepção é postulada nos Estudos Clássicos sem perder

---

<sup>50</sup> Haubold (2007) me parece demonstrar como tradição e recepção são conceitos próximos e complementares.

<sup>51</sup> “Era um meio, por vezes inconsciente, de muitos intelectuais brasileiros reagirem contra a increpação da mestiçagem, escamoteando as verdadeiras origens raciais, num país em que o cativo estigmatizara a contribuição do sangue negro” (Broca, 2005, p. 157).

<sup>52</sup> Cf. entre outros, Barbosa (2019), Costa (1997), Costa (2020) Sebastiani (2017), Werner (2012 e 2023).

de vista que nossa tradição crítica constituída pode ajudar a formar a *reflexão teórica* sobre como ela se dá no país. Há alguns caminhos e este artigo menciona somente alguns. No recente *Ser Clássico no Brasil: Apropriações Literárias no Modernismo e Pós* (2022), por exemplo, Tereza Virgínia Ribeiro, Julia Avellar e Rafael Silva, organizadores do livro, apontam o que chamam de “projeto radical de recepção clássica” dos modernistas brasileiros, procurando introduzi-los como parâmetros para pensar a relação dos nossos autores com a literatura antiga:

Atravessados pela dialética que o crítico Antonio Candido já apontava como fator incontornável na formação da literatura brasileira – qual seja, a tensão entre o local e o universal –, cada um dos autores cuja obra é analisada no presente volume assume uma atitude singular perante a Antiguidade clássica: lê-a, sem dúvida, e com isso a convoca a se fazer sempre presente na literatura brasileira moderna (e pós) (Barbosa; Avellar; Silva, 2022, p. 69).

Isso se deu em um contexto em que nossos escritores não se recusaram a incorporar elementos da cultura clássica em suas obras, embora muitas vezes estivessem lidando especificamente com a questão da identidade nacional e fazendo uma consideração crítica sobre a colonização, com o qual os gregos e latinos também aqui foram identificados.<sup>53</sup> Os organizadores do livro acima mencionado abraçam os conceitos de *antropofagia*, de Oswald de Andrade, de *traição da memória*, de Mario de Andrade, e do *esmerado sucinto*, de Guimarães Rosa, mas outros podem ser trazidos para reflexão – ainda que o cerne não seja especificamente uma relação da literatura nacional com a greco-latina –, como já demonstra o texto sobre Haroldo de Campos no mesmo volume (Silva, 2022).

O poeta e crítico paulistano, vendo no barroco e em Gregório de Matos (1636-1696) o nascimento da nossa literatura, percebeu no poeta

---

<sup>53</sup> Greenwood (2010, p. 239) observa que o poeta jamaico John Figueroa (1920-1999) propôs um modelo contracultural de cosmopolitismo em uma época em que muitos escritores caribenhos se opunham à inclusão dos clássicos na cultura caribenha, em razão de suas associações coloniais. A querela no Brasil, de qualquer modo, existiu de alguma forma, cf. Barroncas (2013, p. 20-38).

duas características notáveis em nossos melhores autores, chamados por ele de “bárbaros alexandrinos” (Campos, 1992, p. 250): hibridismo e tradução criativa, entendida como *apropriação transgressiva* da tradição e reconhecida no que ele chama de “linguagem trans-étnica” de Gregório. O crítico argumenta que Oswald de Andrade e sua antropofagia, além disso, são a melhor expressão desse processo criativo próprio do Brasil, que ele entende ser observável também em outros países da América Latina. Valendo-se das ideias de Jacques Derrida, ele concebe a antropofagia como um “um tipo de desconstrucionismo brutal”, que se manifesta na devoração não submissa do “legado cultural universal” e leva ao questionamento da lógica original-cópia (Campos, 2005, p. 6). A escrita que Campos empreendeu de uma história da literatura brasileira se desenvolveu em oposição à perspectiva de Antonio Candido, cujo método, em *Formação da Literatura Brasileira* (1981), ele definiu como traçado retilíneo e cronográfico, e que acusava de incorrer em “redução mecanicista”, segundo a qual, “a um país subdesenvolvido economicamente também deveria caber, por reflexo condicionado, uma literatura subdesenvolvida, [...] falácia de sociologismo ingênuo” (1992, p. 233).<sup>54</sup>

Igualmente influenciado pela crítica pós-estruturalista francesa, Silviano Santiago havia publicado o seu “O entre-lugar do discurso latino-americano” em 1971, expondo ideias que se coadunam com as de Campos, inclusive na escolha de Jorge Luis Borges como um dos autores que tematizam o *status* específico do autor que está fora do centro, mais especificamente o do autor latino-americano, que viveria “entre a assimilação do modelo original, isto é, entre o amor e o respeito pelo já-escrito, e a necessidade de produzir um novo texto que afronte o primeiro e muitas vezes o negue” (Santiago, 2000, p. 73). Santiago, na sequência, manteve com Roberto Schwarz, a partir da publicação de “As ideias fora de lugar”, em 1973, de autoria deste, um debate que se estendeu por anos e no qual Schwarz se opôs ferrenhamente à crítica francesa para pensar nossa relação com a tradição. Ao comentar a repercussão das ideias de Foucault e Derrida entre alguns críticos brasileiros, Schwarz observa que para eles:

---

<sup>54</sup> Não concordo com todos os termos em que a crítica é feita. Para um panorama crítico das teorias de Antonio Candido e sua influência, cf. Helgesson (2022, p. 65-103).

Seria mais exato e neutro imaginar uma sequência infinita de transformações, sem começo nem fim, sem primeiro ou segundo, pior ou melhor. Salta à vista o alívio proporcionado ao amor-próprio e também à inquietação do mundo subdesenvolvido, tributário, como diz o nome, dos países centrais. De atrasados passaríamos a adiantados, de desvio a paradigma, de inferiores a superiores (Schwarz, 2006b, p. 35)

Embora não haja espaço para relatar a discussão e hoje já possamos localizá-la historicamente, nem por isso ela deixa de ter algo a dizer para quem está começando a pensar a presença dos clássicos no país num contexto de crítica globalizada. Uma das questões do debate, resolvidas por Santiago e Schwarz de forma distintas, continuava a ser a relação entre a literatura brasileira e o universal, mas agora com foco no seu papel de construtora ou de questionadora da universalidade. Não é por acaso que facilmente se notam semelhanças com a discussão atual em torno da recepção clássica, ainda que o debate no Brasil tenha tido início décadas antes: afinal, nossa tradição de crítica literária não surgiu nem tem se desenvolvido apartada das ideias que circulam alhures, mas em diálogo com elas, a partir do qual estabeleceu uma busca de emancipação e ofereceu respostas próprias.

Outro texto de Schwarz trata de tema que interessa a quem trabalha com recepção clássica, o já célebre “Leituras em Competição” (2006a), que gostaria de discutir com mais atenção, por ter sido ele mais influente no meu próprio processo de pensar a presença dos clássicos no Brasil. Nele, o autor analisa uma crônica machadiana de 05 de agosto de 1894, publicada em *A Semana*, que dialoga com a tradição europeia do relato mítico sobre Lucrecia, cuja versão mais conhecida está registrada em Tito Lívio (I. 58).<sup>55</sup> Partindo de linha teórica (bastante) diversa daquelas da *recepção clássica* e escrevendo no contexto de críticas ao conceito de *literatura mundial*, o texto de Schwarz é, no entanto, um bom exemplo de análise nos termos propostos por Charles Martindale,

---

<sup>55</sup> Machado tinha em sua biblioteca uma edição francesa de Tito Lívio, em 4 volumes, publicada pela editora parisiense Hachette em 1867. A história de Lucrecia também é contada em outro livro de sua biblioteca, *La Femme Romaine*, de Clarisse Bader (1877, p. 162ss).



que prevê nova produção de sentido para a tradição recebida. Pelos elementos que mobiliza, também considero paradigmático para pensar a recepção clássica no Brasil em momento em que a área se globaliza.

Se, por um lado, seguindo o exemplo de Beatriz Sarlo (1993) com Borges – ainda em vida elevado à categoria de *autor universal* –, Schwarz quer defender o contexto nacional como determinante das formas da obra machadiana, por outro, a reflexão desvela o localismo da interpretação tradicional do mito de Lucrecia. O artigo faz um apanhado da “carreira internacional” de Machado a partir de meados do século XX, quando saem as primeiras traduções de sua obra para o inglês, que impulsionam a crítica machadiana fora da dimensão nacional. Ao mesmo tempo, no Brasil, comprovava-se o interesse do autor por questões sociais e difundia-se a perspectiva de Antonio Candido, segundo a qual Machado não era um caso singular e isolado no país, devedor que era da linhagem dos grandes prosadores “universais”, mas também estudara e se valera dos seus predecessores locais, que já haviam logrado formar uma tradição própria.

No balanço que faz das leituras universalistas e as nacionais, Schwarz pondera que, mesmo no caso em que as primeiras ampliam nosso entendimento, elas ficam aquém das possibilidades da obra machadiana abertas pelas segundas; ocorre “prejuízo estético” (2006a, p. 61). Há, claro, quem discorde. Da minha parte, gosto da conclusão de que

Não há como desconhecer o papel que a tradição clássica tem na obra de Machado, mas o que interessa identificar é o redirecionamento nada universal que, graças ao Autor, a problemática particular do país lhe imprime (2006a, p. 71).

A hipótese é testada em *Dom Casmurro* e, depois, demonstrada na análise de “Punhal de Martinha”. A crônica se inicia com menção à história da violação de Lucrecia por Sexto Tarquínio e seu subsequente suicídio, que vieram a dar início aos atos de vingança que culminaram na derrocada da monarquia romana. O mito resumido por Machado nos seguintes termos: “O punhal ficou sendo clássico. Pelo duplo caráter de arma doméstica e pública, serve tanto a exaltar a virtude conjugal, como a dar força e luz à eloquência política” (Assis, 2012, p. 307). A esse punhal se compara então o de Martinha, prostituta de Cachoeira, cidade

na Bahia, que foi dar no jornal por sua dona ter esfaqueado e matado um agressor, chamado João Limeira. Postas lado a lado, uma universalíssima, outra, localíssima, Roma e Cachoeira “funcionam como uma dupla de comédia” (Schwarz, 2006a, p. 73). Na comparação entre as mulheres, vence a brasileira, cheia de qualidades no seu “arrojo de ação, defesa própria, simplicidade de palavra”, conforme as palavras de Machado (2012, p. 309). Mesmo assim, o seu punhal terá como destino o injusto esquecimento, por oposição ao punhal fictício, inventado, de Lucrecia.

A análise de Schwarz segue seus outros estudos sobre Machado e argumenta que se deve ver no narrador a postura de um intelectual brasileiro cosmopolita de fins do século XIX, daqueles “que não se iludem com Roma e a discursiva clássica, embora disponham de seu repertório” (2006a, p. 73). Ele se distancia de compatriotas pobres e provincianos, mas aqui e ali reconhece como suas “a gente e as localidades da ex-colônia”. Para além da troça, se notaria, pela análise do estilo empregado pelo narrador, que Martinha reflete a situação dele, o atraso dela sendo algo que ele percebe como também dele, o esquecimento do punhal brasileiro refletindo “a obscuridade em que vegetam o seu país e ele próprio” (2006a, p. 75). Esse é um descortinamento da sensação de inferioridade do narrador que fica a cargo de quem lê.

Já no caso de Machado, o autor, sua escrita envolve um troca-troca entre local e o universal, não porque ele recuse a tradição, fundamental para imortalizar Martinha, mas porque a comparação entre a romana e a brasileira não se aplica, não funciona. Ressaltado, então, fica o descompasso entre o “universal” e as mazelas brasileiras, e a forma do paralelo acaba resultando “local, pitoresca e arbitrária” (Schwarz, 2006, p. 77), só entendida em toda sua complexidade quando se acrescenta à análise desse narrador as condições do país. Se o recurso à cultura antiga na crônica se revela antipopular e pernóstico, a universalidade do clássico, por sua vez, se prova falsa.

Com isso, esclareço que não estou argumentando a favor de uma *recepção clássica brasileira* que siga estritamente o modelo de análise praticado por Roberto Schwarz, que explica a formas machadianas como resultado de sua concepção na periferia do capitalismo, em um país onde contraditoriamente conviviam ideais modernos e escravidão.

Destaco alguns pontos, porém, que têm contribuído para minha reflexão sobre a presença da literatura greco-latina no país. Em primeiro lugar, o entendimento de que o caso de recepção deve ser lido, de preferência, não de modo isolado, mas num contexto intelectual local, muitas vezes já impactado pela circulação global de ideias, com que ele dialoga. Em segundo lugar, ainda que se possa acusar de ultrapassada ou nociva a adoção de uma perspectiva nacional para pensar a literatura, o *global* não deve ser abraçado como alternativa em termos de um mundo sem fronteiras e hierarquias. Não tem sido simples encontrar um substituto para a ideia de nação para organizar perspectivas locais da recepção clássica, porém. A bem da verdade, as dimensões e a variedade cultural do Brasil, além disso, ajudam a estabelecer condições locais distintas para os quais nem sempre o conceito de nação é adequado. Apesar desses problemas, uma vez assumido tal recorte, as conclusões não precisam falar somente sobre *um* país, muito menos equivalerem a um nacionalismo tosco e retrógrado, mas podem, sim, ajudar a ressaltar, de modo crítico, dinâmicas que são transnacionais ou globais. Em terceiro lugar, creio ser igualmente salutar a ênfase na análise das *formas*, sejam ou não pensadas como determinadas pelas estruturas sociais brasileiras. Afinal, olhar para as *formas* que o texto literário assume, o que necessariamente envolve o uso da língua, é onde especialista em literatura clássica costuma estar no seu melhor.

De qualquer modo, a causa principal em questão neste artigo era outra: era trazer para *recepção clássica* uma perspectiva ampliada pelo entendimento de que temos complexidades próprias na relação com a tradição literária e lembrar que, no Brasil, há reflexão acumulada sobre elas.<sup>56</sup>

---

<sup>56</sup> Agradeço à FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo) pelo financiamento do processo 2023/06174-2, que me permitiu realizar um estágio de pesquisa na Universidade de Oxford, do qual este artigo é resultado parcial. Agradeço ainda Rodrigo Cerqueira, Christian Werner, Tim Rood e Adriane da Silva Duarte. Em junho de 2024, participei do *workshop* sobre pós-colonialismo e recepção dos clássicos na América Latina ministrado pela professora Rosa Andújar na Universidade Estadual de Campinas (Ideia/Unicamp), que tratou de várias questões abordadas neste artigo. Infelizmente não pude incluir algumas das referências e reflexões apresentadas no *workshop*, pois o texto já havia sido submetido para publicação nesse momento.

## Referências

ADRIAESSEN, B.; BOTTERWEG, M.; STEEMMEIJER, M.; WIJNTERP, M. (Eds.). *Una Profunda Necesidad en la Ficción Contemporánea: la Recepción de Borges en la República Mundial de las Letras*. Madrid: Iberoamericana, 2015.

ANDÚJAR, R. Laura Jansen, Borges' Classics: Global Encounters with the Graeco-Roman Past. (Classics after Antiquity). Cambridge: Cambridge University Press, 2018, pp. xxii + 174, ISBN 9781108418409, £75. *International Journal of the Classical Tradition*, v. 19, issue 3. p. 348-351, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1007/s12138-021-00600-8> Acesso em: 10 fev. 2024.

ANDÚJAR, R., NIKOLOUTSOS, K. P. *Greeks and Romans on the Latin American Stage*. London/New York: Bloomsbury Academic, 2020.

ASSIS, M. de. Punhal de Martinha. In: SCHWARZ, R. *Martinha versus Lucrécia: ensaios e entrevistas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. p. 307-310.

AVELLAR, J. B. C. de. Autobiografias literárias na poesia de exílio: a recepção de Ovídio em Camões. *Nuntius Antiquus*, v. 14, n. 1, p. 87-109, 2018. Disponível em: <[https://periodicos.ufmg.br/index.php/nuntius\\_antiquus/article/view/17093](https://periodicos.ufmg.br/index.php/nuntius_antiquus/article/view/17093)> Acesso em: 10 mar. 2024.

BADER, C. *La femme romaine*. Paris: Didier & Cie, 1877.

BAKOGIANNI, A. O que há de tão 'clássico' na recepção dos clássicos? Teorias, metodologias e perspectivas futuras. *Codex*, v. 41, n. 1, p. 114-131, 2016. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/CODEX/article/view/3341>> Acesso em: 01 mar. 2023.

BARBOSA, T. V. R. Auscultar Rosa e ouvir Homero. *Clássica*, v. 32, n. 1, p. 217-234, 2019. Disponível em: <<https://revista.classica.org.br/classica/article/view/841>> Acesso em: 10 mar. 2024.

BARBOSA, T. V. R.; AVELLAR, J. B. C.; SILVA, R. G. T. Estratégias brasileiras de absorção dos clássicos. In: BARBOSA, T. V. R.; AVELLAR, J. B. C.; SILVA, R. G. T. (coord.) *Ser Clássico no Brasil: Apropriações Literárias no Modernismo e Pós*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2022. p. 45-73.

BARBOSA, T. V. R.; AVELLAR, J. B. C.; SILVA, R. G. T.(coord.) *Ser Clássico no Brasil: Apropriações Literárias no Modernismo e Pós*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2022.

BARRONCAS, R. *A Última Flor do Lácio: Olavo Bilac e a antiguidade clássica*. 2013 Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

BARTSCH, S. Global Classics. *TAPA*, v. 152, n. 1, p. 33-42, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1353/apa.2022.0002> Acesso em: 20 jan.2024.

BOWIE, E. Xenophon's influence in Imperial Greece. In: FLOWER, M. A. (ed.). *Cambridge Companion to Xenophon*. Cambridge/New York: Cambridge University Press, 2017. p. 403-415.

BRANDÃO, J. A Grécia de Machado de Assis. *Kléos*, v. 5-6, n.5-6, p.125-144, 2001/2002. Disponível em: <<https://www.pragma.ifcs.ufrj.br/kleos/K5/K5-JacynthoLinsBrandao.pdf>> Acesso em: 05 ago. 2016.

BROCA, B. *Vida Literária no Brasil – 1900*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.

BROMBERG, J. *Global Classics*. London and New York: Routledge, 2021.

BUENO, A. *A Justa Medida em Confúcio e Aristóteles*. 2005. 124f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2005.

CAMPOS, H. de. Da razão antropofágica: diálogo e diferença na cultura brasileira. In: CAMPOS, H. de. *Metalinguagem e Outras Metas*. São Paulo: Perspectiva, 1992. p. 231-256.

CAMPOS, H. de. The ex-centric viewpoint: tradition, transcreation, transculturation. In: JACKSON, K. D. (ed.). *Haroldo de Campos: a Dialogue with the Brazilian Concrete Poet*. Oxford: Centre for Brazilian Studies, 2005. p. 3-13.

CANDIDO, A. *Formação da Literatura Brasileira: Momentos Decisivos*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981.

CAPRA, A. The (Un)happy Romance of Curleo and Liliet': Xenophon of Ephesus, the Cyropaedia and the birth of the 'anti-tragic' novel. *Ancient Narrative*, v. 7, p. 29-50, 2009. Disponível em: <<https://ancientnarrative.com/article/view/24572>> Acesso em: 20 jan. 2012.

CFP: Global Classics and Africa: Past Present, and Future. In: CLASSICAL Reception Studies Network, October 8, 2020. Eventos. Disponível em: <<https://classicalreception.org/event/cfp-global-classics-and-africa-past-present-and-future>> Acesso em: 22 jan. 2024.

CHEVITARESE, A. L.; CORNELLI, G.; SILVA, M. A. O. (org.). *Tradição clássica e o Brasil*. Brasília: Archai/ Fortium, 2008.

COSTA, A. L. M. Rosa, leitor de Homero. *Revista USP*, n. 36, p. 46–73, 1997. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i36p46-73> Acesso em: 06 jun. 2021.

COSTA, L. L. da. Cavalos que choram: cantos XVI e XVII da *Iliada* e(m) registros de João Guimarães Rosa. *Nuntius Antiquus*, v. 15, n. 2, p. 103-122, 2020. Disponível em: <[https://periodicos.ufmg.br/index.php/nuntius\\_antiquus/article/view/21971](https://periodicos.ufmg.br/index.php/nuntius_antiquus/article/view/21971)> Acesso em: 10 fev./02/ 2024.

COSTRINO, A.; PEREIRA, G. C. Reverberações dos procedimentos formais de Luciano de Samósata nos contos de Machado de Assis. *Caletroscópio*, v. 8, n. 1, p. 138-156, 2020. DOI: <https://doi.org/10.58967/caletroscopio.v8.n1.2020.4109> Acesso em: 10 mar. 2024.

CRANE, G. Greek, Latin and a Global Dialogue among Civilizations. In: THE CENTER for Hellenic Studies, 2020. Disponível em: <<https://chs.harvard.edu/gregory-crane-greek-latin-and-a-global-dialogue-among-civilizations>>. Acesso em: 22 fev.2024.

EAGLETON, T. *Teoria da literatura: uma introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 2019.

FOWLER, D. “Nos ombros de gigantes: intertextualidade e estudos clássicos”. In: PRATA, P.; VASCONCELLOS, P. S. de. (org.). *Sobre Intertextualidade na Literatura Latina: textos fundamentais*. São Paulo: Editora Unifesp, 2019. p. 93-118.

FREITAS, R. C. *Palco clássico*. 2017. Blog. Disponível em: <<https://palcoclassico.blogspot.com>> Acesso em: 10 fev. 2024.

GREENWOOD, E. *Afro-Greeks: Dialogues between Anglophone Caribbean Literature and Classics in the Twentieth Century*. Oxford: Oxford University Press, 2010.

GREENWOOD, E. Afterword: Omni-Local Classical Receptions. *Classical Receptions Journal*, v. 5, n. 3, p. 354–361, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1093/crj/clt025> Acesso em: 20 jan. 2018.

HARDWICK, L. Fuzzy Connections: Classical Texts and Modern Poetry in English. In: PARKER, J.; MATTHEWS, T. (ed.). *Tradition, Translation, Trauma: The Classic and the Modern*. Oxford: Oxford University Press, 2011. p. 39-60.

HARDWICK, L. *Reception Studies*. Oxford: Oxford University Press, 2003.

HAUBOLD, J. Homer after Parry: tradition, reception and the timeless text. In: GRAZIOSI, B.; GREENWOOD, E. (ed.). *Homer in the Twentieth Century*. Oxford: Oxford University Press, 2007. p. 27-46.

HELGESSION, S. *Decolonisations of Literature: Critical Practice in Africa and Brazil after 1945*. Liverpool: Liverpool University Press, 2022.

HEXTER, R. Literary History as a Provocation to Reception Studies. In: MARTINDALE, C.; THOMAS, R. (ed.). *Classics and the Uses of Reception*. Oxford: Blackwell, 2006. p. 23-31.

HUGGAN, G. The Trouble with World Literature. In: BEHDAD, A.; THOMAS, D. (ed.). *A Companion to Comparative Literature*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2011. p. 490–506.

HUMBLE, N. Xenophon and the Instruction of Princes. In: FLOWER, M. *Cambridge Companion to Xenophon*. Cambridge/New York: 2017. p. 416-434.

JANSEN, L. *Borges' Classics: Global Encounters with the Graeco-Roman Past*. Cambridge: Cambridge University Press, 2018.

JAUSS, H. R. *A História da Literatura como Provocação à Teoria Literária*. São Paulo: Ática, 1994.

LAIRD, A.; MILLER, N. *Antiquities and Classical Traditions in Latin America*. Hoboken: Sons, 2018. (Bulletin of Latin American Research book series)

LEONARD, M. The uses of reception: Derrida and the historical imperative. In: MARTINDALE, C.; THOMAS, R. (ed.). *Classics and the Uses of Reception*. Oxford: Blackwell, 2006. p. 116-126.

LIMA, L. C. (org.). *A Literatura e o Leitor: textos de estética d recepção*. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

LOCANE, J. J. World literature/liberal globalization. Notes for a materialistic metacritique of Weltliterary studies. In: MÜLLER, G.,

SISKIND, M. *World Literature, Cosmopolitanism, Globality: Beyond, Against, Post, Otherwise*. Berlin/Boston: De Gruyter, 2019. p. 101-110. (Latin American Literatures in the World/ Literaturas latinoamericanas en el mundo, v. 4)

MARTINDALE, C. Leaving Athens: classics for a new century? *Arion: A Journal of Humanities and the Classics*, v. 18, n. 1, p. 135-148, Spring/ Summer 2010.

MARTINDALE, C. Reception – a new humanism? Receptivity, pedagogy, the transhistorical. *Classical Receptions Journal*, v. 5, n. 2, p. 169–183, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1093/crj/cls003> Acesso em: 10 fev. 2024.

MARTINDALE, C. *Redeeming the Text: Latin Poetry and the Hermeneutics of Reception*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

MARTINDALE, C. Thinking through reception. In: MARTINDALE, C.; THOMAS, R. (ed.). *Classics and the Uses of Reception*. Oxford: Blackwell, 2006. p.1-13.

MARTINDALE, C.; THOMAS, R. (ed.). *Classics and the Uses of Reception*. Oxford: Blackwell, 2006.

MORAIS, C.; MACINTOSH, F.; SILVA, M. de F.; AUGUSTO, M. das G. M.; BARBOSA, T. V. *Greek Mythic Heroines in Brazilian Literature and Performance*. Leiden/Boston: Brill, 2023.

MORALES, F. A.; SILVA, U. G. da. História antiga e história global: afluentes e confluências. *Revista Brasileira de História*, v. 40, n. 83, p. 125-150, jan. / abr. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/1806-93472020v40n83-06> Acesso em: 20 fev. 2024.

MORALES, F. Os limites de Global Classics. *Fronteiras: Revista Catarinense de História*, n. 40, p. 240-249, 2022. DOI: <https://doi.org/10.36661/2238-9717.2022n40.13077> Acesso em: 20 mar. 2023.

NIKOLOUTSOS, K.; GONÇALVES, R. T. Classical tradition in Brazil: translation, rewriting, and reception. *Caletroscópio*, v. 6, n. 1, p. 11-20, jan. / jun. 2018. DOI: <https://doi.org/10.58967/caletroscopio.v6.n1.2018.3813> Acesso em: 10 fev. 2024.

PARKER, G. *South Africa, Greece, Rome: Classical Confrontations*. Cambridge: Cambridge University Press, 2017.



POURCQ, M. De; HAAN, N. De; RIJSER, D. (ed.) *Framing Classical Reception Studies: Different Perspectives on a Developing Field*. Leiden/Boston: Brill, 2020.

REGO, E. de S. *O Calundu e a Panaceia: Machado de Assis, a sátira menipéia e a tradição luciânica*. Rio de Janeiro: Forense, 1989.

REICHEL, M. Xenophon's *Cyropaedia* and the Hellenistic Novel. In: GRAY, V. *Oxford Readings in Xenophon*. Oxford: Oxford University Press, 2010. p. 418-38.

RIZO, E.; HENRY, M. (ed.). *Receptions of the Classics in the African Diaspora of the Hispanophone and Lusophone Worlds: Atlantis Otherwise*. Lanham, Boulder, New York, London: Lexington Books, 2016.

ROOD, T. Redeeming Xenophon: historiographical reception and the transhistorical. *Classical Receptions Journal*, n. 5, v. 2, p. 199-211, jun. 2013. DOI: <https://doi.org/10.1093/crj/clt003> Acesso em: 10 jun. 2017.

SANCISI-WEERDENBURG, H. 1990. Cyrus in Italy: from Dante to Machiavelli. Some explorations of the reception of Xenophon's *Cyropaedia*. In: SANCISI-WEERDENBURG, H.; DRIJVERS, J. W. (ed.). *The Roots of the European Tradition*. Leiden: Nederlands Instituut Voor het Nabije Oosten, 1990. p. 31-52. (Achaemenid History V)

SANO, L. This is how I explain the universality of Xenophon: Machado de Assis, *Cyropaedia* and Brazilian Republic. *Classical Receptions Journal*, v. 15, n. 1, p. 1-14, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1093/crj/clac003> Acesso em: 10 jan. 2024.

SANTIAGO, S. O entre-lugar do discurso latino-americano. In: SANTIAGO, S. *Uma literatura nos trópicos*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000. p. 9-26.

SARLO, B. *Borges, a Writer on the Edge*. London: Verso, 1993.

SCHWARZ, R. Leituras em competição. *Novos Estudos Cebrap*, n. 75, p. 61-79, 2006a. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0101-33002006000200005> Acesso em: 20 jun. 2021.

SCHWARZ, R. Nacional por subtração. In: SCHWARZ, R. *Que horas são? Ensaio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006b. p. 29-48.

SEBASTIANI, B. B. *Fracasso e verdade na recepção de Políbio e Tucídides*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2017.

SHARLAND, S. Grant Parker, South Africa, Greece, Rome: Classical Confrontations. Cambridge: Cambridge University Press, 2017. *Bryn Mawr Classical Review*, 2018. Disponível em <https://bmcr.brynmawr.edu/2018/2018.07.02>>. Acesso em: 22 fev. 2024.

SILVA, G. J. da; FUNARI, P. P.; GARRAFFONI, R. S. Receções da Antiguidade e usos do passado: estabelecimento dos campos e sua presença na realidade brasileira. *Revista Brasileira de História*, v. 40, n. 84, p. 43-66, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/1806-93472020v40n84-03> Acesso em: 20 mar. 2024.

SILVA, M. de F.; AUGUSTO, M. G. M. (org.). *A recepção dos clássicos em Portugal e no Brasil*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra; São Paulo: Annablume Editora, 2015.

SILVA, R. G. T. da. Por uma recepção clássica em chave antropofágica: Haroldo de Campos devorador dos clássicos. In: BARBOSA, T. V. R.; AVELLAR, J. B. C.; SILVA, R. G. T. (coord.) *Ser Clássico no Brasil: Apropriações Literárias no Modernismo e Pós*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2022. p. 129-148.

STEPHENS, S. A., VAZUNIA, P. (ed.). *Classics and National Cultures*. Oxford: Oxford University Press, 2010.

TATUM, J. *Xenophon's Imperial Fiction. On the Education of Cyrus*. New Jersey: Princeton, 1989.

THE POSTCLASSICISMS COLLECTIVE. *Postclassicisms*. Chicago: University of Chicago Press, 2020.

TREVIZAM, M.; PRATA, P. *Recepção dos clássicos: intertextualidade e tradução*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2023.

UMACHANDRAN, M., WARD, M. *Critical ancient world studies: The Case for Forgetting Classics*. London: Routledge, 2024.

VARGAS, A. Z. Charles Martindale: a recepção da Antiguidade e os estudos clássicos. In: SILVA, G. J. da; CARVALHO, A. G. (org.). *Como se escreve a história da Antiguidade*. São Paulo: Unifesp, 2021. p. 750-773.

WERNER, C. A anta e o valentão: recepção da *Ilíada* em ‘Fatalidade’ de J. Guimarães Rosa. *Heródoto*, v. 7, n. 1, p. 21-41, 2023. DOI: <https://doi.org/10.34024/herodoto.2022.v7.14810> Acesso em: 20 jun. 2023.

WERNER, C. Afamada estória: “Famigerado” (*primeiras estórias*) e o canto IX da *Odisseia*. *Nuntius Antiquus*, v. 8, n. 1, p. 29-50, 2012. Disponível em: <[https://periodicos.ufmg.br/index.php/nuntius\\_antiquus/article/view/17215](https://periodicos.ufmg.br/index.php/nuntius_antiquus/article/view/17215)> Acesso em: 20 jun. 2023.

WHITMARSH, T. True histories: Lucian, Bakhtin, and the pragmatics of reception. In: MARTINDALE, C., THOMAS, R. (ed.). *Classics and the Uses of Reception*. Oxford: Blackwell, 2006. p. 104-115.

ZILBERMAN, R. *Estética da recepção e história da literatura*. São Paulo: Ática, 1989.